

Torcida, emoção e lágrimas

Familiares e amigos de Ellen Oléria cantaram, choraram e comemoraram a vitória da artista. "Sempre acreditei nela", disse o pai

» GIZELLA RODRIGUES
» RICARDO DAEHN

Tal como em final de campeonato, na casa (QNA 55, de Taguatinga) do sogro do irmão de Ellen, Adailson, a euforia foi generalizada. Tudo ficou movimentado, desde as 10h, para uma feijoada. Perto da hora do *The Voice Brasil*, a casa ecoava *Sua amizade*, música de Ellen, entoada de forma coletiva. Em frente à tevê, não havia espaço para silêncio. "Peraí, vamos ouvi-la...", até arriscava alguém. Muitas vezes, sem sucesso. "Só não quer que grite? Ai já é demais", divertia-se, aos gritos, Adailson, de 34 anos. "Esses dias, me disseram que ela tem um teclado na boca. Na hora, até ri. Mas, noutra apresentação, constatei: ela teve uma cuicá na garganta, um trompete, um beatbox (sistema de som), e ainda cantou. Quando vi, disse: 'Para, que tô tonto e quero descer'", brincou.

Com campanha via Facebook, Twitter e boca a boca, natural que quase 40 pessoas, entre familiares, vizinhos e amigos, se aglomeraram para a torcida. A cantora estava estampada em quase metade das camisetas dos presentes, objeto já disponível em loja especializada de arte pop, no Conic. "As pessoas me reconheciam na rua. A gente que é da família fica emocionada. Foi uma corrente de amor tão grande que chegou a assustar", contou a cunhada Litcy Oléria.

Na sala da casa, em disputados 15m², quatro sofás e cadeiras-extras foram insuficientes para acomodar a exaltação a cada aparição da cantora na telinha. "Meu 13º já acabou só nessas ligações de votação", brincou o amigo de infância, Gilvan Ribeiro. A pequena Luana Macedo, 11 anos, não desgrudava de um dos cinco computadores em atividade incessante, a exemplo dos mais de 10 celulares usados para votação.

Sem planos concretos para o uso dos R\$ 500 mil conquistados — "o plano maior dela foi o da projeção com o programa", conta a irmã Eliene —, Ellen só colhia elogios, na corrente pra frente adotada pelos amigos. "Ellen é muito altruísta: uma vez, por necessidade nossa, chegou a vender o carro, e andava de ônibus pela madrugada", exemplificou Eliene.

Há 11 dias, dado o volume de ensaios e gravações do *The voice Brasil*, a família não fala, de forma tranquila, com a cantora. Nem mesmo o repertório, rumo à conquista, era conhecido em casa. Chorando bastante, a ex-backing vocal de Igreja Dione Teles, com

mais de 20 anos de entrosamento com a família Oléria, comentou: "Ela tinha muita convicção e nunca duvidou do talento". Conquista alcançada, a irmã Eliene não tinha certeza do destino da irmã. "Ela sempre foi do mundo. O que a prende à cidade é a família. Mas os planos dela, a partir da vitória, a gente não sabe", concluiu.

Lembranças do pai

Entre aplausos e choro, o pai de Ellen, Adalvâncio Gomes de Oléria, 71 anos, assistiu à final do programa em casa, em Planaltina de Goiás, onde mora com a mulher e os dois filhos do segundo casamento. "Desde a hora em que começou o programa, estou chorando", contou ele, que toca sanfona. "Acredito que o *The Voice* foi só o primeiro passo. Ela vai muito mais longe. Além de cantar, ela toca instrumentos e compõe. É muito talentosa", elogia mais uma vez. Quando o filho atendeu à ligação do Correio na noite de ontem, o som da sanfona ecoava do outro lado da linha. Era Adalvâncio que comemorava. "Chorei muito. Agora vim tocar sanfona para distrair"

Desde quando começou o *The Voice Brasil*, Adalvâncio não perdeu um programa. Todos os domingos torceu pela filha e acompanhou a trajetória dela na competição. "Toda vida acreditei muito nela. Ela é um tipo de moça que não desiste do que pega para fazer, é muito determinada. Ela é a irmã dela", derrete-se. A torcida do pai foi acompanhada pelos demais moradores de Planaltina de Goiás, onde Adalvâncio mora hoje com a mulher e os dois filhos do segundo casamento. "Sou muito conhecido aqui e todo mundo torcia por ela. As meninas da lotérica me falavam que votariam nele hoje (ontem)", diz, orgulhoso.

Ellen Oléria começou a se interessar por música ainda criança por influência do pai. "Ela sempre ficava em cima de mim quando eu pegava o acordeom. Era levada e muito inteligente", completa. Ellen começou a cantar e, aos 14 anos, montou uma banda com os irmãos mais velhos, Adailson e Eliene. "Eu estava sempre cutucando eles, dando força para continuarem. Até escolhi o nome da banda, mas eles mudaram depois, sabe como é a juventude. Eles eram melhor informados do que eu", lembra. Com o tempo, os irmãos acabaram saindo da banda, mas Ellen nunca desistiu da música. "Ela tem uma boa voz, uma saída muito boa", elogia o pai.

Iano Andrade/CB/D.A Press



O irmão da cantora, Adailson, fez convocação via redes sociais e conseguiu reunir cerca de 40 pessoas na casa do sogro em Taguatinga



O nome dela quer dizer 'a que brilha'. Não é um estandarte familiar: nós somos mulheres e negras, numa sociedade machista e racista: a vitória dela é um posicionamento do nosso lugar. Não podia ser mais significativo"

Eliene Oléria,
irmã de Ellen